

Considerações sobre a história da alfabetização no Brasil: produção acadêmico-científica e a constituição do campo de pesquisas

Oriani, Angélica Pall

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Oriani, A. P. (2012). Considerações sobre a história da alfabetização no Brasil: produção acadêmico-científica e a constituição do campo de pesquisas. *ETD - Educação Temática Digital*, 14(2), 94-112. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-358749>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



CDD: 372.412

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: A PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA E A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISAS

*CONSIDERATIONS ON THE HISTORY OF LITERACY IN BRAZIL:
ACADEMIC AND SCIENTIFIC PRODUCTION AND THE
ESTABLISHMENT OF FIELD RESEARCH*

Angélica Pall Oriani¹

Resumo

Com o objetivo de problematizar a configuração do campo de pesquisas da história da alfabetização no Brasil, focaliza-se aqui a produção acadêmico-científica a respeito do tema, destacando resultados de pesquisas desenvolvidas por diferentes grupos de pesquisa brasileiros, com o que se apresenta um delineamento do que vem sendo produzido e enfatizado sobre o tema. Discute-se o movimento de constituição de um campo de pesquisa da história da alfabetização que dialoga diretamente com a pesquisa histórica sobre a educação e sobre a escola, prevalecendo investigações sobre materiais, práticas, produção, utilização e circulação de objetos destinados a esse ensino na escola primária brasileira.

Palavras-chave: Alfabetização. História da educação. Produção científica.

Abstract

In order to think about the configuration of research field on the history of literacy in Brazil, focuses on the academic-scientific production on the subject, highlighting results of research carried out by different research groups in Brazil, with a design that presents what has been researching the subject. Discusses the movement to set up a field survey of the history of literacy dialogues directly with the historical research on education and the school and which prevail in research on materials, practices, production, utilization and movements of objects for this teaching in primary Brazilian school

Keywords: Literacy. History of education. Scientific production.

¹ Doutoranda em Educação (Bolsa Capes) pela Universidade Estadual Paulista. E-mail: angelicaoriani@hotmail.com – Marília, SP, Brasil.

Recebido em: 03/12/2012 / **Aprovado em:** 20/08/2012.

Talvez dada a assustadora magnitude do renitente fracasso da escola brasileira em alfabetizar as crianças, pressionados, pois, pelos problemas do presente, esquecem-se os pesquisadores de que não há como entender o presente sem olhar o passado. (SOARES, 1999, p. 14).

Apesar de serem recentes o desenvolvimento e a divulgação de resultados no âmbito da pesquisa brasileira, há algumas décadas Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974) enfatizavam a importância e a necessidade de serem desenvolvidas pesquisas históricas sobre a alfabetização.

Em *O livro na educação*, Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974) analisam o que é possível considerar início do processo de construção do conhecimento sobre os livros utilizados nas escolas brasileiras — e a elas destinados — para o ensino da matemática, de ciências, de estudos sociais e de comunicação e expressão.

No capítulo 12 desse livro, “Cartilhas, gramáticas, livros de texto”, os autores apresentam as principais cartilhas, livros de leitura e séries graduadas que foram utilizados nas escolas brasileiras para o ensino da leitura e da gramática desde o século XV até a década de 1920. Mediante as informações reunidas, Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974) concluíram que o conhecimento sobre as origens e o desenvolvimento da literatura didática brasileira, especialmente nos livros para o ensino da leitura e da escrita — incluindo as cartilhas de alfabetização — era pouco sistematizado e pequeno, quantitativamente, até 1974, ano de publicação de seu livro.

Na década seguinte a essa publicação, Soares (1989) apresentou resultados de pesquisa do tipo “estado da arte”, em *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*, que, ampliada posteriormente, resultou em *Alfabetização*, de Soares e Maciel (2000). Nessas duas publicações estão contempladas as pesquisas acadêmicas sobre alfabetização desenvolvidas no Brasil. Na primeira, são apresentados inventário e análise de teses, dissertações e artigos de periódicos, no período compreendido entre 1954 e 1986; em continuidade, na segunda publicação, foram incluídos os dados relativos aos três anos seguintes, mas foi excluída a produção acadêmica sob a forma de artigos, tendo sido contempladas, portanto, apenas as teses e dissertações produzidas no período entre 1961 e 1989.

Os resultados apresentados nessas duas publicações me permitiram compreender que, na última década abrangida pelas duas pesquisas, os estudos sobre alfabetização intensificaram-se no Brasil. A abordagem histórica, porém, foi identificada em apenas uma

pesquisa, segundo Soares e Maciel (2000); trata-se da dissertação de mestrado de Dietzsch (1979), intitulada *Alfabetização – propostas e problemas para uma análise do seu discurso*, na qual são analisadas as oito cartilhas mais utilizadas na cidade de São Paulo entre 1930 e 1970.

Soares e Maciel (2000) constatam que as condições históricas propiciaram a multiplicidade de enfoques no estudo da alfabetização, assim como a ampliação quantitativa e qualitativa da produção acadêmica e científica sobre o tema. À medida que a complexidade do fenômeno alfabetização foi sendo percebida em suas múltiplas possibilidades de investigação, “[...] estudiosos e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento passaram a dedicar-se à análise e investigação desse fenômeno” (SOARES; MACIEL, 2000, p. 7).

Em “Alfabetização em revista: uma leitura”, Espósito (1992) problematiza a produção científica sobre alfabetização com base em levantamento que realizou dos artigos publicados no periódico *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas (SP), entre as décadas de 1970 e 1990, incluindo autores estrangeiros cujos textos foram publicados nesse periódico.

A partir desse levantamento, a autora analisa que os artigos publicados nesse periódico, na década de 1970, indicavam a necessidade dos pesquisadores de compreender a alfabetização, considerando, para isso, a articulação entre a psicologia e a pedagogia. Ainda de acordo com essa autora, a partir da metade da década de 1970 e início da década de 1980, a alfabetização passou a ser analisada a partir de uma vertente mais sociológica, utilizada pelos pesquisadores interessados em compreender os mecanismos sociais e culturais que, de modo articulado, poderiam explicar as possíveis causas do fracasso escolar na alfabetização no Brasil. E, ao final da década de 1980, sobressaíam os artigos cuja base teórica estava fundamentada em teorias linguísticas, psicológicas e psicolinguísticas. A segunda metade da década de 1980 e o início de 1990 eram, portanto, conforme Espósito (1992), momentos de diversidade de enfoques e abordagens nos artigos sobre alfabetização veiculados no periódico em questão.

Espósito (1992) conclui o artigo, indagando a respeito das possibilidades de serem articuladas, em uma “teoria coerente”, as diferentes abordagens ou facetas a partir das quais a alfabetização vinha sendo analisada e retoma os questionamentos e as propostas de Soares; Maciel (2000) sobre a articulação das diferentes perspectivas na pesquisa em alfabetização, a fim de que se “[...] concilie resultados aparentemente incompatíveis, que articule análises

provenientes de diferentes áreas de conhecimento, que integre estruturadamente estudos sobre cada um dos componentes do processo” (ESPÓSITO, 1992, p. 20).

Constatações semelhantes a respeito da escassez de pesquisas históricas sobre alfabetização encontram-se no documento *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*, de Mortatti (2003), resultante de Projeto Integrado de Pesquisa “Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano”.

Nesse documento, há um total de 2025 referências de textos produzidos por brasileiros até 2002, 560 das quais se referem ao tema alfabetização. Reiterando as considerações de Soares (1989) e Soares e Maciel (2000), Mortatti (2003) conclui que, apesar de as pesquisas sobre alfabetização estarem se intensificando no Brasil, as pesquisas com abordagem histórica sobre alfabetização ainda eram poucas, até 2003.

Com constatações semelhantes às de Soares (1989), Soares e Maciel (2000) e Mortatti (2003), mas abrangendo a produção acadêmico-científica publicada ou publicizada entre 1979 e 2007, em *Abordagem histórica na produção acadêmico-científica brasileira sobre alfabetização (1979-2007): um instrumento de pesquisa* (ORIANI, 2009), problematizei a abordagem histórica sobre a alfabetização a partir das referências de textos sobre o tema, que localizei a partir de busca em acervos físicos, banco de teses, banco de dados de bibliotecas universitárias disponíveis *on-line* e em *sites* de grupos de pesquisa. Mediante análise dessas referências, destaquei os seguintes aspectos:

- observa-se certo aumento na quantidade de textos com abordagem histórica da alfabetização, produzidos a partir de 1997;
- principalmente a partir de 2000, observa-se um aumento acentuado na produção acadêmica sobre o tema, com predomínio de textos publicizados, ou seja, impressos e disponíveis em formato encadernado em espiral ou em capa dura, ou digitalizados e disponíveis na Internet, como, por exemplo, dissertações e teses, as quais se encontram em *sites* de programas de pós-graduação e de bibliotecas ou em banco de teses *on-line*;
- é na região Sudeste do país que se situam predominantemente tanto as instituições nas quais as pesquisas foram desenvolvidas quanto as editoras ou instituições responsáveis pela publicação dos livros e de periódicos;
- alguns grupos ou núcleos de pesquisas mais atuantes no desenvolvimento de pesquisas com abordagem histórica sobre alfabetização estão sediados em instituições da região Sudeste [...]. (ORIANI, 2009, p. 7).

Em que pesem as constatações acima destacadas e os encaminhamentos delas decorrentes, apresento neste artigo, com as devidas expansões e acréscimos², reflexões a respeito da produção histórica sobre alfabetização no Brasil, buscando analisar a constituição de um campo de pesquisas que se articula dialogando diretamente com a pesquisa em história da educação.

2

Dada a grande quantidade de textos que localizei sobre história da alfabetização, muitos dos quais disponíveis sob formas variadas, e considerando o objetivo e a extensão deste artigo, optei por limitar-me apenas aos textos que considere mais representativos, no âmbito dos grupos que desenvolvem pesquisa sobre o tema.

Dentre esses textos, estão os desenvolvidos no âmbito do Gphellb – Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”³, sediado na Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Marília. Trata-se de Amâncio (2008), Bertoletti (2006) e Mortatti (2000)⁴.

No livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994*, Mortatti (2000) apresenta resultados de pesquisa histórica sobre o ensino de leitura e escrita em São Paulo, no período de 1876 a 1994. A autora classificou o conjunto de documentos reunidos em “tematizações”, “normalizações” e “concretizações” (MORTATTI, 2000) sobre esse ensino e elegeu quatro momentos que considerou cruciais na história da alfabetização em São Paulo. Tendo focado a questão dos métodos de alfabetização, Mortatti (2000, p. 23) conclui que, ao longo dessa história:

[...] pode-se observar a recorrência discursiva da mudança, marcada pela tensão constante entre modernos e antigos — ou entre mais modernos e modernos —, no âmbito de disputas de hegemonia de projetos políticos, educacionais e pedagógicos. Para esses sujeitos a mudança exige uma operação de diferenciação qualitativa, mediante a reconstituição sintética de seu passado (e, em particular, de seu passado

² Destaco que os aspectos que apresento neste artigo, com atualizações e ampliações, resultam de reflexões que se iniciaram no ano de 2008, quando, sob a orientação da Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti, desenvolvi pesquisa de iniciação científica (Bolsa Fapesp) que resultou no relatório científico cujos resultados problematizo neste artigo.

³ No âmbito do Gphellb, também desenvolvi pesquisa de mestrado em educação (Bolsa Fapesp), na qual abordei o método para o ensino da leitura na Série “Leituras Infantis” (1908-1919), escrita por Francisco Vianna.

⁴ Para os fins deste artigo, delimito apenas *Os sentidos da alfabetização*, de Mortatti, pelo motivo de nesse livro estar condensado o pensamento matricial da autora relativo ao tema, o qual foi desenvolvido e ampliado em artigos posteriores.



recente, sentido como presente, porque operante no nível das concretizações), a fim de homogeneizá-lo e esvaziá-lo de qualidades e diferenças, identificando-o como portador do antigo — indesejável, decadente, obstáculo ao progresso —, buscando-se definir o novo — melhor e mais desejável — ora contra, ora independente em relação ao antigo, mas sempre a partir dele.

No livro *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!*, Bertoletti (2006) apresenta resultados de pesquisa de mestrado com o objetivo de compreender o projeto de alfabetização proposto por Manoel Bergström Lourenço Filho. A partir da análise de *Cartilha do povo – para ensinar ler rapidamente* (1928) e *Upa, cavalinho!* (1957), ambas publicadas pela Editora Melhoramentos de São Paulo, a autora conclui que as duas cartilhas contêm sínteses de teorias científicas sistematizadas e propostas por Lourenço Filho para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita e são representativas de sua produção didática; e que essas propostas permaneceram ao longo do tempo, sendo as suas influências sentidas até os dias atuais.

No livro *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930*, Amâncio (2008) apresenta resultados de pesquisa de doutorado, com o objetivo de contribuir para a compreensão do passado e do presente da alfabetização no estado do Mato Grosso. A autora analisou dois documentos que considerou emblemáticos do processo de oficialização e institucionalização do método analítico para o ensino da leitura nesse estado: o *Relatório da Escola Normal do Estado do Mato Grosso e Modelo Anexa* (1911), elaborado pelo professor paulista Leowigildo Martins de Mello, e a *Ata do Conselho Superior da Instrução Pública*, de 21 e 28 de agosto de 1915. A autora concluiu que o discurso institucional sobre alfabetização no estado do Mato Grosso se produziu a partir da atuação de professores paulistas incumbidos de reorganizarem a escola primária naquele estado, a partir de 1910.

Além dessas pesquisas, destaco algumas das desenvolvidas no âmbito do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale, órgão complementar da UFMG: Batista (2002); Batista; Galvão; Klinke (2002); Maciel (2001).

Na tese de doutorado intitulada *Lúcia Casassanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*, Maciel (2001, p. 10) tem como objetivo “[...] recuperar, para a história da alfabetização em Minas Gerais, o papel nela desempenhado por Lúcia Casassanta [...]”. A partir da análise dos documentos localizados no arquivo pessoal dessa professora, relativos à sua formação, atuação profissional e produção didática, a autora conclui que Lúcia Casassanta, por ter desenvolvido suas atividades relativas à educação por mais de 50 anos, contribuiu para a formação de diversas gerações de

professores alfabetizadores e foi responsável por introduzir o método de contos para a alfabetização no estado de Minas Gerais.

No texto “Um gênero de manual escolar: os paleógrafos ou livros de leitura manuscrita”, Batista (2002) busca apresentar os títulos de livros de leitura manuscrita em língua portuguesa que circularam nas escolas brasileiras. Mediante análise dos livros que localizou e buscando “[...] realizar um primeiro esboço da trajetória do gênero e de seu circuito de produção e comunicação, assim com das principais tensões que organizam o gênero e sua destinação, os usos que pretende propiciar” (BATISTA, 2002, p. 1), esse autor conclui que esses tipos de livros didáticos cumpriam com a função de fornecer “valores morais e políticos” (BATISTA, 2002, p. 14) considerados necessários para a constituição de referências de uma nação; e propiciar o aprendizado da escrita, a partir da apresentação de modelos para cópia e reprodução (BATISTA, 2002).

No artigo “Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)”, Batista, Galvão e Klinke (2002) têm como objetivo apresentar resultados da primeira etapa de desenvolvimento da pesquisa “Escolarização, culturas e práticas escolares: investigações sobre a instituição do campo pedagógico em Minas Gerais (1820-1950)”, mediante a descrição da “[...] morfologia do livro escolar de leitura, sua variação e suas transformações ao longo do período estudado” (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 29).

A análise de 444 exemplares de cartilhas e livros de leituras que esses pesquisadores recuperaram incidiu sobre os seguintes aspectos: as datas de publicação; a recorrência de autores; o número de exemplares localizados de cada título; o número de exemplares por editoras; as funções pedagógicas às quais serviam (manuais ou “paraescolares”); os tipos de livros (séries graduadas ou livros “isolados”); os gêneros (narrativas, antologias, compêndios e cadernos de atividades); e os modelos de lições (“construções abstratas” ou “didatizações”).

Mediante essa análise, os autores concluem que, dentre os vários aspectos que podem ser problematizados, destacam-se: sobre os tipos de livros, que as séries graduadas são mais recorrentes que os livros isolados; sobre os gêneros dos livros, que os compêndios — mais comuns no século XIX e que tendiam a “desaparecer” no início do século XX — passaram a ser substituídos por antologias e narrativas; sobre os modelos de livros, que o modelo da leitura manuscrita e o modelo instrutivo são mais antigos e a tendência é serem substituídos pelo modelo formativo e, em menor grau, pelo modelo retórico-literário.

Além dessas pesquisas, destaco, também, algumas das desenvolvidas no âmbito do

Grupo de Pesquisa “Alfabetização e Letramento escolar” (Alfale), sediado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais de Rondonópolis, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) (Amâncio, 2002, 2005; Amâncio; Cardoso, 2006)⁵.

No texto “Métodos de ensino da leitura em Mato Grosso no início do século XX: uma contribuição para a história”, Amâncio (2002) procura compreender a história da alfabetização no estado do Mato Grosso, nas primeiras décadas do século XX, com destaque para as relações que os governantes desse estado estabeleceram com os de São Paulo, como, por exemplo, a contratação de professores paulistas para a reorganização do ensino em Mato Grosso. Pela análise de fontes documentais relativas a relatórios, programas de ensino e documentos oficiais, essa autora conclui que, nas décadas iniciais do século XX, no estado do Mato Grosso, as orientações oficiais sobre o ensino da leitura e da escrita não são tão “evidentes” e esse processo não se apresenta de modo linear, com tendência à gradativa introdução, consolidação e estabilidade da adoção de um método de ensino, mas, segundo Amâncio (2008, p. 15), há “[...] longos períodos de aparente silêncio [sobre esse aspecto] nas iniciativas oficiais”.

No texto “Ensino de leitura e escrita em Mato Grosso: aspectos de uma trajetória (séculos XVIII e XIX)”, Amâncio (2005) tem como objetivo “[...] apresentar alguns aspectos da história da alfabetização em Mato Grosso, abordando os métodos adotados, as cartilhas usadas e as condições de ensino de leitura e de escrita na escola pública mato-grossense [...]” (AMÂNCIO, 2005, p. 1). Por meio da análise de documentos oficiais eleitos como fontes documentais, essa autora discutiu as relações que se estabelecem entre as prescrições de políticas oficiais e o ensino da leitura e da escrita nas escolas de Mato Grosso, tendo concluído que nesse estado não houve polêmicas ou discussões sobre a utilização ou adoção oficial de um método para esse ensino. Outro aspecto destacado pela autora é que, nesse estado, não há uma produção didática local, elaborada por professores ou intelectuais de Mato Grosso, o que, segundo Amâncio (2005), permite supor que havia certa passividade das autoridades educacionais locais, que não contestavam o aspecto de serem somente usuários de propostas importadas de outros estados.

No texto “Circulação de cartilhas e ensino de leitura em Mato Grosso: uma contribuição à história da alfabetização (1927-1977)”, Amâncio e Cardoso (2006) têm como objetivo discutir aspectos de uma história da alfabetização no estado de Mato Grosso, no

⁵ É importante mencionar que as pesquisas desenvolvidas por Amâncio sobre história da alfabetização no Mato Grosso se iniciaram no âmbito do Gphellb, quando essa autora passou a desenvolver pesquisa de doutorado.

período entre 1927 — ano em que o ensino nesse estado foi reorganizado com um novo regulamento da instrução pública — e 1977, ano em que foi publicada a primeira cartilha de alfabetização escrita por professores de Mato Grosso. Por meio da análise de documentos oficiais, documentos escolares e entrevistas realizadas com professores que atuaram no período da pesquisa, as autoras concluem que

nesse panorama da *circulação* de cartilhas no estado de Mato Grosso, nos últimos anos da década de 1970, [...] ficam pendentes as relações entre prescrições e concretizações que gostaríamos de analisar com maior cuidado. A discrepância numérica entre a quantidade de títulos que nesse Estado circularam e a única produção de autoria de professores da rede pública de ensino mencionada, reitera nossas afirmações de que o estado de Mato Grosso caracteriza-se como consumidor de cartilhas, oriundas de outras regiões brasileiras. Isto definiu e define os rumos de nossa pesquisa em termos de um investimento maior na *circulação de cartilhas*. (AMÂNCIO; CARDOSO, 2006, p. 4079, grifos das autoras).

Destaco, também, algumas das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa “História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares” (Hisales), sediado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel): Peres (2008) e Trindade (2001).

Na tese de doutorado intitulada *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?*, Trindade (2001) busca analisar os discursos e as representações presentes nas cartilhas e nos livros de leitura que circularam no estado do Rio Grande do Sul entre 1890 e 1930. Pela análise de *Cartilha maternal*, que serviu de modelo para a elaboração de cartilhas produzidas nesse estado, a saber: *Cartilha maternal*, *Cartilha nacional*, *Cartilha mestra* e *Queres ler?*, a autora conclui que “[...] as cartilhas fizeram parte de uma cadeia de produção cultural, sendo sua intertextualidade marcada pelo impacto da interdiscursividade da modernidade republicana” (TRINDADE, 2001, p. 1).

No artigo “Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970)”, Peres (2008) tem como objetivo apresentar relação contendo alguns títulos de obras de autoras gaúchas de livros didáticos publicados nesse estado no período em questão. Mediante análise da relação de autoras cujos livros didáticos localizou, Peres (2008) apresenta a produção didática de duas professoras gaúchas: Cecy Cordeiro Thofehn, que publicou quatro coleções de livros didáticos, e Nelly Cunha, que publicou duas coleções em coautoria com Cecy Cordeiro Thofehn e mais quatro coleções de livros didáticos. Peres (2008) conclui que a produção didática dessas duas autoras é representativa de um modelo de alfabetização fundamentado na

utilização de textos para esse ensino, que circulou no estado do Rio Grande do Sul até, pelo menos, a década de 1970.

Além dessas pesquisas, aponto algumas desenvolvidas no estado de São Paulo, na Universidade Estadual Paulista, no *campus* de Araraquara: Nunes (2006), Oliveira (2004) e Oliveira e Souza (2000); no *campus* de Marília: Mello (2007); e na Universidade de São Paulo: Bittencourt (2004), Boto (2004), Razzini (2006), Valdez (2004) e Vidal e Gvirtz (1998).

No texto “As faces do livro de leitura”, Oliveira e Souza (2000) têm como objetivo apresentar resultados da análise de duas séries graduadas de leitura mais utilizadas nas escolas primárias entre 1820 e 1920: a de Felisberto de Carvalho e a de Puiggari-Barreto. A partir dessa análise, as autoras concluem que, por meio das suas diferentes “faces”, os livros de leitura “[...] retratam toda uma preocupação da época em legitimar a escola, como instituição responsável por introduzir conhecimentos básicos atinentes às ciências naturais, além da formação moral e cívica do cidadão” (OLIVEIRA; SOUZA, 2000, p. 37).

Na dissertação de mestrado intitulada *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1910)*, Oliveira (2004) objetiva contribuir para a história do livro didático no Brasil, tendo elegido, como *corpus* documental privilegiado de pesquisa, os livros de duas séries graduadas de livros de leitura utilizadas nas escolas primárias no final do século XIX e início do século XX: a “Série Graduada de Leitura”, escrita por Felisberto de Carvalho; e a “Série Puiggari-Barreto”, de autoria dos professores Romão Puiggari e Arnaldo Barreto.

A partir da análise que realizou, Oliveira (2004, p. 142) considera que a “Série Graduada de Leitura”, de Felisberto de Carvalho, segue o modelo enciclopédico de ensino, “[...] na qual se concebia que a escola deveria ensinar um pouco de tudo”; e a “Série Puiggari-Barreto” segue o modelo formativo de ensino, porque apresenta “[...] lições de cunho moral e patriótico”. E conclui:

As duas séries graduadas de leitura retratam diferentes aspectos da instituição escolar que, somados, abrangem boa parte da cultura escolar.

Uma aborda os conteúdos e propõe o direcionamento do fazer do professor e do aluno. Ela contribui para a constituição de uma cultura escolar a partir das práticas que impõem, por intermédio das prescrições e dos exercícios apresentados. Tais exercícios foram incorporados como práticas escolares que permaneceram como parte constituinte desse universo.

A outra série aborda o universo escolar a partir de seus rituais. Esses ritos passaram a demarcar rotinas, estabelecer o tempo e a dinâmica escolar, tornando-se a outra face da cultura escolar. (OLIVEIRA, 2004, p. 143).

Na tese de doutorado intitulada *O aproveitamento da ordem de aquisição das sílabas nas cartilhas adotadas no município de Catalão-GO*, Nunes (2006, p. 170) tem como objetivo compreender se os “[...] padrões silábicos no processo escolar de alfabetização, [...] reflete ou não a ordem e aquisição desses padrões na linguagem oral”. A autora delimitou seis cartilhas⁶ como *corpus* documental privilegiado para a pesquisa e, a partir da análise realizada, conclui que, apesar de nessas cartilhas estarem “concretizados” métodos de ensino nos quais é seguida a ordem de aquisição silábica natural, o sistema de escrita do português, de “base alfabético-fonológica” (NUNES, 2006) não faz referência à sílaba como unidade, do que decorre certo conflito entre o método de ensino proposto nas cartilhas e o sistema de escrita, tendo em vista que nestas são apresentados modelos de ensino pautados no modelo silábico de ensino (NUNES, 2006, p. 174).

Na tese de doutorado *A alfabetização na imprensa periódica educacional paulista (1927-1943)*, Mello (2007) objetiva “[...] identificar, analisar e compreender as idéias escolanovistas sobre alfabetização veiculadas nas revistas oficiais⁷ do ensino público paulista [...]” (MELLO, 2007, p. 18). Mediante a análise dos artigos localizados, essa autora concluiu que essas revistas contribuíram para veicular os princípios educacionais relacionados com a alfabetização e o escolanovismo, divulgando, com isso, os saberes considerados necessários para alfabetizar as crianças (MELLO, 2007).

No artigo “O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar”, Vidal e Gvirtz (1998) buscam discutir “[...] a produção do campo disciplinar sobre a escrita no Brasil e na Argentina, atentando para perceber como essa constituição conformou aspectos de uma modernidade escolar nesses dois países latino-americanos” (VIDAL; GVIRTZ, 1998, p. 14). Mediante problematização sobre a relação que se estabeleceu entre a difusão de uma ideia de escola elementar e a República – ao que se aglutinaram os anseios relativos à conformação de práticas de ensino da escrita, a partir da “racionalização higiênica” e da “homogeneização” (VIDAL; GVIRTZ, 1998) do processo de ensino da escrita – as autoras concluem:

[...] a modernidade escolar foi um imperativo e um fato nesses dois países latino-americanos. Fica claro também que, na construção dessa modernidade, os métodos e

⁶ As cartilhas de alfabetização analisadas por Nunes (2008) são: *Viver e aprender*, de Cláudia M. L. Vartanian; *Português: uma proposta para o letramento*, de Gladys Rocha; *Palavra em contexto*, de Regina Velasquez e Sandra Capurucho; *Nosso mundo*, de Jane Gonçalves e Lídia Nedbajluk; *Língua e linguagem*, de Eliana Garcia; e *A toca do tatu*, de Regiane Garcia.

⁷ As revistas oficiais que Mello (2007) delimitou para a pesquisa foram: *Educação* (1927-1930); *Escola Nova* (1930-1931); *Educação* (1931-1932) e *Revista de Educação* (1933-1943).

as formas de ensino da escrita ocuparam um lugar central, uma vez que a escrita universalizava e homogeneizava práticas vinculadas ao universo do simbólico, mas também universalizava práticas vinculadas ao corpo, ao espaço e ao tempo escolares, debruçando-se sobre o espaço e o tempo sociais, especialmente na preocupação em preparar os alunos para uma sociedade que cada vez mais valorizava o pensamento objetivo e sucinto. (VIDAL; GVIRTZ, 1998, p. 28).

No artigo “Livros de leitura para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930)”, Valdez (2004) tem como objetivo abordar os livros didáticos da série de leituras escrita por Abílio Cesar Borges, que circularam no período delimitado pela autora, entre 1866 e 1930. A partir da análise desenvolvida, a autora conclui que é preciso considerar esses livros de leituras como fontes para a compreensão da história da educação, seja pelo motivo de eles veicularem os conhecimentos tidos como necessários nos momentos em que foram publicados, seja por serem as primeiras tentativas de formação de uma literatura nacional que se destinava à infância brasileira.

O texto “Produção de livros didáticos e expansão em São Paulo (1889-1930)”, de Razzini (2006), tem como meta apresentar aspectos relativos à produção didática da Livraria Francisco Alves. A partir da análise de dois documentos, um manuscrito sem data e um catálogo impresso, publicado em 1954, para comemorar o centenário da editora, a autora concluiu que a expansão da escola pública elementar, no estado de São Paulo, forneceu as condições favoráveis para a expansão editorial dessa Livraria neste estado, do que decorreu a intensa publicação de livros de leituras, especialmente a partir das décadas finais do século XIX e iniciais do século XX.

No artigo “Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático”, Boto (2004, p. 493) objetiva “[...] identificar o lugar social ocupado pela cartilha de primeira leitura nos usos e costumes da história da moderna escolarização primária”, analisando, para isso, a cartilha portuguesa de Francisco Júlio Caldas Aulete, intitulada *Cartilha nacional*, cuja circulação ocorreu em meados do século XIX. Com a análise realizada, a autora concluiu que nessa cartilha há um “[...] rascunho nítido de um projeto de país: civilidade, civismo e civilização [...]” (BOTO, 2004, p. 493) e ressalta que foi possível constatar a relação estabelecida entre o crescimento do país e a escola primária, considerando que o civismo, a civilidade e a civilização sustentavam o ensino nesse modelo de escola.

No texto “Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)”, Bittencourt (2004, p. 475) busca “[...] caracterizar o processo de intervenções de diferentes

sujeitos [...]” na produção dos primeiros escritores de livros didáticos, problematizando, para isso, a autoria do livro didático. E afirma que “[...] a preocupação em traçar o perfil dos primeiros autores de livros didáticos, no decorrer de século XIX e início do XX, centrou-se na apreensão das articulações entre os diferentes sujeitos sempre presentes na produção didática, destacando a atuação do Estado e das editoras” (BITTENCOURT, 2004, p. 477).

Apresento alguns resultados de pesquisas de outras instituições, cujos pesquisadores, apesar de desenvolverem pesquisas históricas sobre o tema, atuam de modo mais esporádico. Trata-se das pesquisas de Gomes (2008) e Campos (2009), que estão vinculadas ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (Nepales), sediado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo; e de Collares (2008), vinculada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná (UFPG).

Na dissertação de mestrado intitulada *A alfabetização na história da educação do Espírito Santo no período de 1924 a 1938*, Gomes (2008) tem como objetivo investigar a alfabetização na história da educação do Espírito Santo. Mediante análise de documentos oficiais; de artigos publicados em periódicos que circularam no período da pesquisa; e das cartilhas que localizou, Gomes (2008) conclui que, apesar de o método analítico para o ensino da leitura estar adotado nos documentos oficiais, nas salas de aula, isso não foi um impeditivo para serem utilizados, nas salas de aulas, os métodos sintéticos, principalmente nas cidades mais afastadas da capital do Espírito Santo.

No texto “As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950”, Campos (2009) tem como objetivo discutir resultados de pesquisa sobre a alfabetização nesse estado, na década de 1950. Mediante análise de entrevistas realizadas com professoras alfabetizadoras que atuaram e utilizaram cartilhas de alfabetização nesse período, a autora conclui que, apesar de as propostas oficiais enfatizarem o método analítico como o oficial para o ensino, com ênfase para o método global com textos (CAMPOS, 2009), as práticas das professoras entrevistadas e as cartilhas que circulavam no período em questão indicam a utilização de métodos sintéticos para o ensino da leitura.

Na dissertação de mestrado intitulada *História da Cartilha Progressiva (1907) nas escolas do Estado do Paraná*, Collares (2008) propõe-se a analisar essa cartilha – a primeira escrita por um autor paranaense, Lindolpho Pombo –, cuja primeira edição foi publicada no ano de 1900, tendo sido utilizada até 1907. Com essa análise, a autora conclui que nessa

cartilha estão contidos valores ideológicos cujo objetivo era propagar ideias da “classe dominante” (COLLARES, 2008).

3

As sínteses dos textos que apresentei se referem a pequena parte da produção acadêmica sobre história da alfabetização. Como mencionei, para a seleção dos textos, optei por delimitar os mais representativos no âmbito dos grupos que desenvolvem pesquisas sobre o tema no Brasil, para o que utilizei especialmente os resultados de pesquisa de iniciação científica que desenvolvi.

Acompanhando tendência de crescimento das pesquisas históricas em educação, de um modo geral, nas pesquisas históricas sobre alfabetização, têm predominado os interesses dos pesquisadores em compreender e analisar as formas a partir das quais esse **ensino** se vem configurando e se constituindo historicamente na escola primária brasileira, o que considero uma espécie de **matriz** a partir da qual o conhecimento a respeito da história da alfabetização vem sendo produzido no Brasil.

Em decorrência desse predomínio, as pesquisas sobre o tema abordam aspectos que se referem, em geral: aos suportes nos quais estão materializados os métodos para o ensino da leitura ou da escrita; à utilização de livros e cartilhas para o ensino; à atuação de professores representativos na produção de materiais didáticos; ao **mapeamento** das cartilhas e dos livros destinados a esse ensino, que circularam em alguns estados brasileiros; e às características dos materiais didáticos utilizados.

Prevalece, portanto, a alfabetização entendida como **ensino** da língua materna às **crianças** por **professores** e também os **materiais para esse ensino** indicados por órgãos de ensino (os quais, muitas vezes, justificam a pertinência científica do desenvolvimento de pesquisas enfocando determinados materiais de ensino, como cartilhas e livros de leitura). A alfabetização fora do ambiente escolar e oficial e a alfabetização de jovens e adultos são delimitações temáticas que não têm sido muito exploradas por pesquisadores até o momento, presumivelmente em decorrência de dificuldades para a localização de fontes para o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza, para o que influem as condições de armazenamento, preservação e disponibilidade de consultas de documentos pelos pesquisadores.

Para a análise das fontes e dos objetos de estudo nas pesquisas históricas sobre

alfabetização, predominam as abordagens teórico-metodológicas que se situam no âmbito da história cultural, dialogando, sobretudo, com referenciais analíticos propostos por pesquisadores franceses. Articula-se a esse diálogo a vertente de estudos e pesquisas sobre **cultura escolar**, a qual tem contribuído e servido de **pano de fundo** para o desenvolvimento analítico das pesquisas sobre história da alfabetização. Considerada parte e partícipe da constituição da cultura escolar, a alfabetização vem sendo abordada pelos historiadores – juntamente com a organização espaço-temporal do ensino, as metodologias, os materiais pedagógicos, os conteúdos curriculares – como elemento a partir do qual se torna possível compreender e analisar a história da escola primária no Brasil.

Nesse sentido, o crescimento de pesquisas sobre escolas primárias, especialmente grupos escolares, tem contribuído, ao promover a articulação de temáticas que consolidam a alfabetização ora como objeto de estudo e foco dentro da pesquisa, ora como elemento no qual é possível observar a concretização efetiva das finalidades do grupo escolar, sendo este o objeto de estudo e o foco da pesquisa⁸.

Considerando, portanto, a delimitação dos objetos de pesquisa, os métodos de análise, as abordagens e os referenciais teóricos, que dialogam no âmbito das pesquisas sobre história da alfabetização, o conceito de “campo” formulado por Bourdieu (1983) auxilia na compreensão de que a aglutinação dessas pesquisas, apesar de suas especificidades, confere um estatuto de campo científico no qual há debate, disputa, diálogo e, sobretudo, a construção de uma **matriz** de conhecimento, que **alimenta** o contínuo desenvolvimento de pesquisas e **é alimentada** por ele. Constituída de forma a não ser rígida e estável, essa **matriz** tem-se ramificado e apresentado possibilidades de debates e disputas dentro desse campo. A esse respeito, Bourdieu (1983, p. 89) afirma:

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (não se poderia motivar um filólogo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo (cada categoria de interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.

⁸ A respeito da contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a pesquisa sobre história da escola primária no Brasil, ver Souza e Faria Filho (2006).

Nesse âmbito, o *habitus* caracteriza e é mantenedor de determinado campo, sendo definido por Bourdieu (1983, p. 94) como:

[...] sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, [e que] é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim. Há toda uma reeducação a ser feita para escapar à alternativa entre o finalismo ingênuo [...] e a explicação de tipo mecanicista (que tornaria esta transformação por um efeito direto e simples de determinações sociais). Quando basta deixar o *habitus* funcionar para obedecer à necessidade imanente do campo, e satisfazer às exigências inscritas (o que em todo o campo constitui a própria definição da excelência, sem que as pessoas tenham absolutamente consciência de estarem se sacrificando por um dever e menos ainda o de procurarem a maximização do lucro (específico). Eles têm assim, o lucro suplementar de se verem e serem vistos como perfeitamente desinteressados.

Com as análises que apresentei, penso ser possível afirmar que o campo de pesquisas da história da alfabetização vem sendo constituído mediante o crescimento significativo na produção de pesquisas, especialmente na última década. Como campo de pesquisas, a história da alfabetização vem sendo pensada de modo a dialogar diretamente com a vertente da historiografia cultural francesa e também, mesmo que de modo mais indireto, vem dialogando com a sociologia, com a antropologia, com a política educacional, com a filosofia da educação.

Com base no levantamento das pesquisas que realizei, constatei a tendência de crescimento das pesquisas históricas sobre alfabetização, acompanhando essa mesma tendência nas pesquisas históricas sobre educação e sobre escola, assim como o prevailecimento de investigações sobre materiais, práticas, produção, utilização e circulação de **objetos** destinados a esse ensino na escola primária brasileira.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930**. Cuiabá: Editora UFMT, 2008.

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. Ensino de leitura e escrita em Mato Grosso: aspectos de uma trajetória (séculos XVIII e XIX). In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 28., 2005, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2005. p. 1-17

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. Métodos de ensino da leitura em Mato Grosso no início do século XX: uma contribuição para a história. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPed, 25., Caxambu, Minas Gerais. **Anais...**, 2002. p. 1-15. 2002.

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros; CARDOSO, Cancionila Janzkovski. Circulação de cartilhas e ensino de leitura em Mato Grosso: uma contribuição à história da alfabetização (1927-1977). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006. **Anais...** [S. l.]: [s.n.], 2006.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um gênero de manual escolar: os paleógrafos ou livros de leitura manuscrita. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2., 2002, Natal. **Anais...** Natal: [s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/3127.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 27-47, Maio/Jun./Jul./Ago. 2002.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **Laurenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da Upa, cavalinho!**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491. set./dez. 2004.

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero Limitada, 1983. p. 89-94.

CAMPOS, Dulcinéa. As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPed, 25., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPed, 2009. p. 1-18. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT10-5664--Int.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

COLLARES, Solange. **História da Cartilha Progressiva (1907) nas escolas do Estado do Paraná**. 2008. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. **Alfabetização: propostas e problemas para uma análise do seu discurso**. 1979. 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, 1979.

ESPÓSITO, Yara Lúcia. Alfabetização em revista: uma leitura. **Cadernos de Pesquisa**, São

Paulo, n. 80, p. 21-27, fev. 1992.

GOMES, Sílvia Cunha. **A alfabetização na história da educação do Espírito Santo no período de 1924 a 1938**. 2008. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Lúcia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais** 2001. 179f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. **A alfabetização na imprensa periódica educacional paulista (1927-1943)**. 2007. 239f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano**. Marília, 2003 (digitado).

_____. **Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NUNES, Gisele. **O aproveitamento da ordem de aquisição das sílabas nas cartilhas adotadas no município de Catalão-GO**. 2006. 187f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de. **As séries graduadas de leitura na Escola Primária Paulista (1890-1940)**. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. **Cadernos Cedes**, São Paulo, ano 20, n.52, p.26-40, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a03v2052.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

ORIANI, Angélica Pall. **A abordagem histórica na produção acadêmica sobre alfabetização no Brasil (1979-2007): um instrumento de pesquisa**. Marília, 2009. Relatório Científico apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. (digitado).

ORIANI, Angélica Pall. **Série "Leituras Infantis" (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino da leitura no Brasil**. 2010. 292f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

PERES, Eliane. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). **Educação Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 12, n., 2, p. 111-121, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n2/05.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2010.

PFROMM NETO, Samuel; DIB, Cláudio Zaki; ROSAMILHA, Nelson. **O livro na educação**. Rio de Janeiro, RJ: Primor/INL, 1974. p. 153-204.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. Produção de livros didáticos e expansão em São Paulo (1889-1930). In: JORNADAS ARGENTINAS DE HISTORIA E LA EDUCACIÓN, 14., 2006, La Plata. **Anais...** La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2006. 1 CD-ROM.

SOARES, Magda Batista. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Brasília: MEC/INEP/Reduc, 1989.

SOARES, Magda Batista. Apresentação. 1999. In: MORTATTI, Márcia Cristina de Oliveira. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 13-15.

SOARES, Magda Batista; MACIEL, Francisca. **Alfabetização**. Brasília-DF: MEC/INEP/COMPED, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). **Grupos escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 21-56.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas**: ser maternal, nacional e mestra: queres ler? 2001. 524f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pelotas, 2001.

VALDEZ, Diane. Livros de leitura para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930). **Linhas** – Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 219-242, dez., 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves; GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 13-30, maio/ago., 1998.

Como citar este artigo:

ORIANI, Angélica Pall. Considerações sobre a história da alfabetização no Brasil: produção acadêmico-científica e a constituição do campo de pesquisas. **ETD – Educ. temat. digit.**, Campinas, SP, v.14, n.2, p.94-112, jul./dez. 2012. ISSN 1676-2592.